

ESTÓRIA

MIGUELIM

Jackson Drummond Zuim

Faculdade de Letras

Entre os olhos da noite e suas lâminas — vento, orvalho, o frio derramado sobre arbustos — iniciava-se o trabalho e a vida. Os homens refaziam a trama das redes, úmidas da noite inacabada, ainda, levavam-nas aos barcos adormecidos sobre o rosto do rio, preparavam-nas: urgia a certeza da volta e do alimento, a todos cabendo o quinhão usual de peixe, silêncio e calma. As mulheres cozinhavam a primeira refeição, devagar se movendo, passo a passo, entre suas sombras e o fogo: a geometria imprecisa de luzes e frestas, esta dança de penumbras. No quarto, deitavam-se o sono e as crianças, ausentes desse dia anteposto ao dia, charrua desde já lavrando os trigais do escuro. A casa e os barcos e o rio lá fora se pensavam, tudo um só cristal, oculto com cautela de qualquer contato, sua fragilidade ferível.

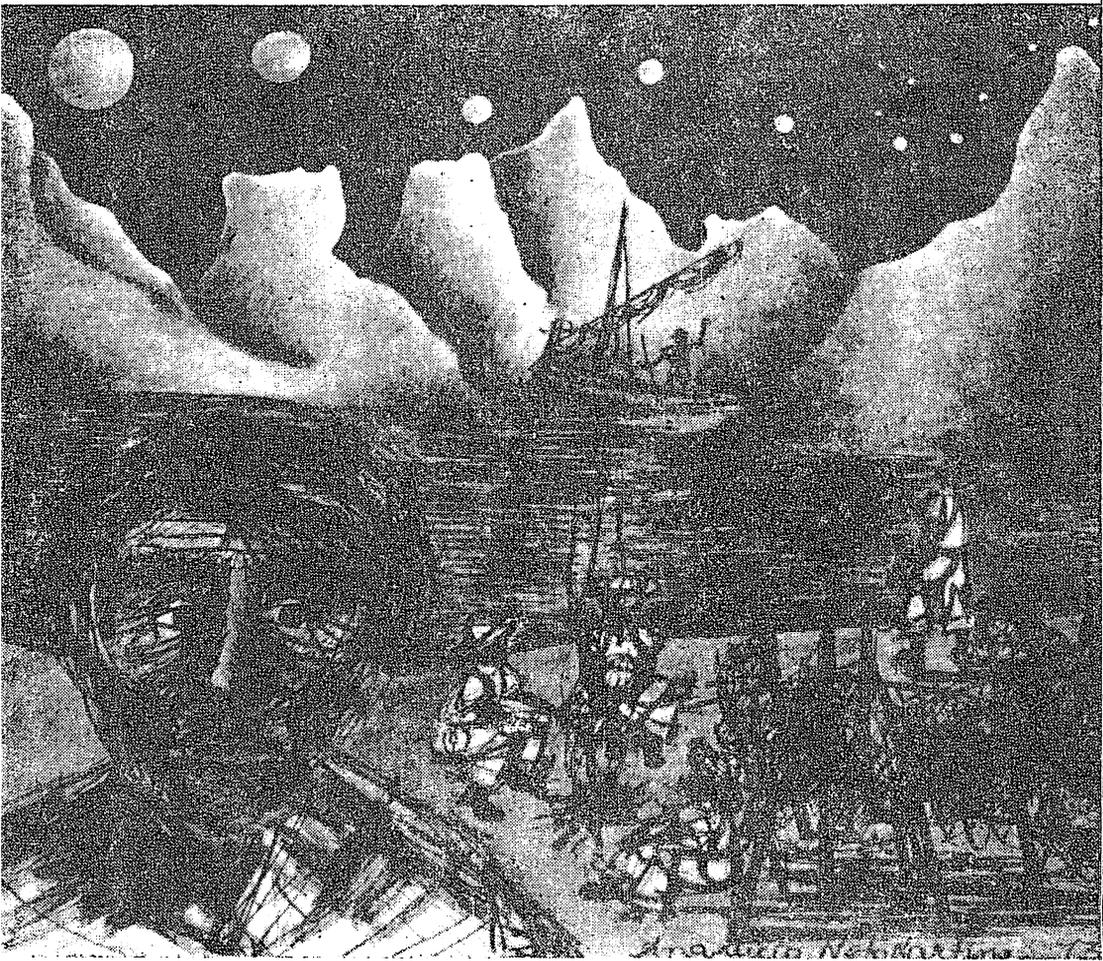
Mal e mal se pressentia a manhã, nada de tangível, de claro; era antes uma aflição íntima, a incerta certeza de algo a se preparar além, criança no instante exato que antecede os fogos de artifício. E de repente era dia, era o dia descendo a cordilheira aos saltos, rolando, tomando de assalto os olhos, o peito, suas múltiplas agulhas súbito povoando a paisagem de minúcias e sustos. Era o dia, a embriaguez de luz, o grito.

Aos pés da água e apartada do sítio das montanhas, na margem que, única, alongava-se à vista, de solidão e arestas erguia-se a aldeia. O rio à frente, a água, de familiaridade estranha e silenciosa, estendendo seu tapete de musgos e inflorescências brancas, mutável a cada manhã. Atrás os montes, mantendo por milênios o mesmo cerco de basalto, a ampla felicidade, a campina, de onde ninguém jamais fugira, nem fugiria jamais. A claridade abria portões, chamava para a aventura as crianças, correndo, essa fuga entre os espelhos do casario. O mundo era seu brinquedo. Vagarosos a princípio, então, na primeira tinta da manhã, os barcos largavam, leves, difícil dizer se por ar ou água partiam, o velame recolhendo brisas, pássaros, a lembrança. Em pouco tocavam já as fronteiras finais do horizonte, confundindo-se após, líquido ao líquido, iguais, e desapareciam.

Meu pai lançava a rede no remanso mais profundo, onde a água era mais densa e mais sombria murmurava; rígida a mão, rígida a mente, a espera, buscando os peixes esquivos que nas regiões frias, bem baixo, habitam o mundo do espanto e da mágica. Jogava-se a rede maior, de largas malhas, muito se esperando até de novo trazê-la, a captura, manchas e sombras, o gesto repetido sempre e sempre. Tanta a procura do imponderável, cada movimento escondendo anseios, funda a corda descendo nas águas e na própria fantasia.

Com outro rumo em seu vôo tornavam os pássaros à terra, anunciando a noite vizinha. Já então as proas abicavam trilhos novos, a última brisa conduzindo à casa, à mesa posta, ao calor do braseiro e dos olhos. Todos juntos, quietos, seu silêncio destilando segredos. Por sobre a mesa tocavam-se as mãos invisíveis da intimidade. A roda das fogueiras, chamuscando a noite desde há muito antiga, lá fora os velhos repetiam a estória, entreabriam os anais da lenda: o rio, a terceira margem.

“... uma cidade de vidro, perdida no bosque. As árvores são altas e há estranhas luzes que fogem, aqui, ali. No chão floresce a neblina, cobrindo os pés de todos os que até lá viajam, e para lá viajam todos os que um dia no rio



se tenham aventurado. E há murmúrios atrás de cada ramagem, a surpresa sempre, a flor de fogo. E há a distância incontável, incontada, o vôo no abismo entre qualquer das margens e a terceira margem”.

Eu andava pela brisa, imaginando, as asas da infância roçando outras terras, acreditando, desacreditando, vendo, desvendo. Nunca ninguém se fora, que eu conhecesse, meus companheiros todos presentes ao cotidiano. E no quarto, tarde, o sono me buscava entre navios, pelas velas de luz de lugares perdidos. Esquecia-se, até que amanhecesse de novo. Assim, os olhos assombrados de verde, eu bebia o tempo entre meus dedos, muitas vezes renovando a areia fina de cem praias nas mãos em ampulheta. Era o gato da vida maquinando botes, agachado dentro de sua lentidão.

Certa noite veio a lua mais larga, pesando seu plasma contra os rochedos. Uma ronda de nuvens perdera-se no mato, rasteira, arranhando ventre no chão. Calaram-se as estórias nesta noite, gemidos correram pelos freixos, demorou-se o frio erguendo seus muros de medo em torno das fogueiras abafadas. Tarde, uma formação de discos brilhantes riscou de ponta a ponta o céu, gravando no peito o pavor. Meus amigos reabriam os cofres do silêncio, neles prendendo seus presságios. Em poços fundos lancei minhas palavras, buscando o sono refugiado nos cantos, no musgo de sombras, entre espinheiros; o escuro veio vindo, cerrou-me as narinas, tapou-me os olhos com suas mãos. Invadido de vazios levantei-me, saí, querendo a custo vagalumear o chão. Lá fora se estendera o rio, tatuada sua pele de grandes barbatanas, lírios, os peixes do mistério. Longe na névoa o barco de meu pai se despedia: seu braço rasgou na bruma a saudação, o adeus, e sumiu. Por longes perderam-se meus olhos, largo tempo, incompreendendo, interrogando, a alma sedenta de razões. Nenhum dos homens interrompeu seu trabalho, fitando-me apenas, sua calma a mesma, acordando ecos. Fui-me então para a tarefa das redes, refazendo, decorando-lhes as malhas, tudo dispondo para a pesca, o pão, a manhã.

E não me surpreendi, descobrindo o dia sobre meus brinquedos desmontados.

A princípio pescava pelas vizinhanças da margem, as amarras de meus olhos consolando-se com paisagens terrestres. Filhote de pássaro, o espanto das alturas. Sucedendo-se no entanto os meses, passo a passo mais distante velejava, a sede agitando-se em minha alma. O aprendizado do vento, a intimidade do pássaro: rotina repetida a cada ano, até que, sem que o achasse tarde ou cedo em demasia, encontrei-me ceifando a colheita das águas, distante do vale e seu cerco de basalto. O gesto por demais sabido, a rede, o país das algas.

Meus filhos esperavam onde vinha o vento se acabar: o calor, a casa. Eu os olhava, como em poço claro ou num espelho, avaliando em mim a extensão do passado — fogueiras, a estória — e caíam-me penumbras sobre as pálpebras. Certa noite, quando o frio empilhava cascalhos ao redor das cinzas, vi nuvens e o vento norte fugindo entre o espinheiro. E logo levantou-se a lua, lenta, larga, espargindo sangue sobre os rochedos. De novo cerrei minhas palavras nas celas do silêncio, esperando as águas que subiam, o indecifrado desenho de barbatanas e cardos. Com o abraço da neblina levantei vela, o séquito do mistério seguindo-me ao largo. De longe, voltei-me: o vulto de meu filho recortava a noite, fios da angústia vestindo-lhe o corpo. O gesto ritual, o adeus, encontrou sua mudez. E logo, sem o sal da tristeza, sem as abelhas da alegria, perdi-me dele, pois assim fora sempre, assim sempre seria, tanto já nos desconhecíamos.

O barco buscou seu caminho pela geografia das vagas. Do vôo final da rede colhi uma braçada de lírios; contra o escuro veio esboçar-se o vulto das sequóias, filtrando o brilho de grandes espelhos, reflexos estenderam-se no chão, o orvalho deitou-se; pequenas luzes correram para o bosque, na neblina onde ramagens murmuravam. A margem mágica, o outro lado. Como se de longe viéssemos sempre chegando, desde sempre.